

---

**AS CRÔNICAS DE ÍNDIAS E OS PRIMEIROS RELATOS DA CONQUISTA DO  
TAWANTINSUYU****THE CHRONICLES OF INDIES AND THE FIRST REPORTS OF THE CONQUEST  
OF TAWANTINSUYU**Tamara de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** A história da conquista do *Tawantinsuyu*<sup>2</sup> – termo quéchua utilizado para referenciar o território dos incas – foi tema de inúmeros trabalhos. Apoiados por fontes quinhentistas, genericamente denominadas de “Crônicas de Índias”, os historiadores ou aqueles que se ocuparam do tema, pelo menos até meados do século XX, preocupavam-se com a tentativa de reconstituição da história da conquista tal e como havia se passado “realmente”. Essa historiografia, devedora do positivismo, também se ocupava da questão da autenticidade do documento, de sua legitimidade, e buscou traçar algumas classificações dessas crônicas agrupando-as segundo critérios distintos: cronológico, pelo assunto a que se dedicam e pela nacionalidade, profissão e etnia do cronista. Essas classificações apresentam alguns problemas, pois existem cronistas e crônicas que não se encaixam em nenhuma delas, o que torna difícil a fixação de uma categoria indiscutível para essas fontes. Os relatos que apresentamos neste artigo compartilham da característica comum de terem sido escritos por homens que vivenciaram os fatos que narram, ou seja, a conquista do *Tawantinsuyu*, mas obviamente, não optamos por seguir nenhuma classificação. Isso porque estamos cientes de que não se trata de um corpo documental homogêneo, já que, entre outras coisas, esses relatos foram escritos com diferentes intuítos, para leitores diversos e seus escritos refletem tais divergências. Ao final do texto incorporamos um Apêndice Documental que apresenta cronologicamente informações detalhadas sobre as primeiras fontes publicadas sobre o processo de conquista do Império Inca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônicas de Índias - relatos da conquista – conquistadores

**ABSTRACT:** The history of the conquest of *Tawantinsuyu* – quechua word used to refer to the territory of the Incas – has been the subject of numerous studies. Backed by sixteenth-century sources, generically known as "Chronicles of India", historians or those who cared about the topic, at least until the mid-twentieth century, were concerned with the attempt to recreate the history of the conquest such as it had

---

1 Mestre em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Franca. Esse artigo é fruto dos estudos realizados durante pesquisa de mestrado e recebeu auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 As quatro partes que formavam o território dos Incas: *Antesuyu*, *Colassuyu*, *Contisuyu* e *Chinchasuyu*. In: GONZALEZ HOLGUIN, Diego. **Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada qquichua o del Inca**. Lima: UNMSM, 1989, p. 336.

"really" happened. This historiography, supported by positivism, also dealt with the issue of the authenticity of the document, its legitimacy, and tried to trace some classifications of those chronics, grouping them according to different criteria: chronological, the subject they cover and the nationality, occupation and ethnicity of the chronicler. These classifications have presented some problems because there are chroniclers and chronicles that do not fit in any of them, making it difficult to establish an unquestionable category for those sources. The accounts presented in this article share the common characteristic of having been written by men who experienced the events they narrate, in other words, the conquest of *Tawantinsuyu*, but obviously we have not chosen to follow any classification. That happened because we are aware that this is not a homogeneous document body, since, among other things, these reports were written with different motives, for diverse readers, and the writings reflect such differences. At the end of the text we have added a Documentation Appendix that chronologically presents detailed information on the first sources published on the process of conquest of the Inca Empire.

**KEYWORDS:** Chronicles of the Indies - reports of conquest – conquerors

Se ha hablado siempre que dos símbolos representan la Conquista: la espada y la cruz, pero a ello debemos añadir que hay otro símbolo, quizás más grande, es la pluma, esgrimida y manejada por nuestros cronistas<sup>3</sup>

A palavra crônica remete à idéia de tempo em grego e se refere às narrativas cuja estrutura está organizada de forma cronológica, linear e concatenada e que, de forma geral, pretende expor eventos passados dignos de memória. Sua origem é incerta, acredita-se que o primeiro texto dessa forma de escrever é o *Chronicon Pascale*, escrito entre os séculos III e VII depois de Cristo. Entre os séculos IX e XIV a crônica se consagrou como um gênero de literatura histórica cristã em que a finalidade era sempre engrandecer o cristianismo<sup>4</sup>. Mas, a crônica no medievo desenvolveu-se, sobretudo, com o advento do Estado Nacional. Assim, em Portugal, Fernão Lopes (1380-1459) fora encarregado por D. Duarte de escrever um relato sobre a história portuguesa, seguido por Gomes Eanes de Zurara (1410-1474) e Rui de Pina (1440-1522). Esses cronistas eram responsáveis por “inventar a

3 SANTISTEBAN OCHOA, Julián. **Los cronistas del Perú**: contribución al estudio de las fuentes de la historia peruana. Cuzco: Librería e Imprenta D. Miranda, 1946, p. 25. Em citações de mais de três linhas, optou-se por não traduzir para o português, isso porque a maioria delas foi retirada de textos do século XVI e nem sempre utilizamos edições que atualizaram o espanhol, assim, para não incorrer no risco que uma tradução desse tipo poderia oferecer, optamos por utilizar o texto no original. Já em pequenas citações, de frases ou paráfrases ao longo do texto, optamos por traduzir o texto para o melhor fluir da leitura.

4 REIS, Anderson Roberti; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 25-41, 2006, p. 25-26.

tradição” na nova dinastia de Avis, ou seja, deixar por escrito a memória histórica oficial<sup>5</sup>.

Na Espanha, na segunda metade do século XIII, as crônicas passaram a ser marcadas pela narrativa da vida de um monarca ou de um personagem ilustre. Entre elas, destaca-se a *Estória de España ou Crónica General* (1344) de autoria atribuída ao Conde de Barcelos e a *Grande e General Estória* possivelmente redigida por Alfonso X (1221-1284), o sábio. A primeira trata dos primórdios da Espanha, das invasões que sofreu a Península Ibérica e de uma parte da Reconquista. A *Grande e General Estória* pretende ser uma história universal e inicia-se com a criação do mundo. Nessa obra, se misturam a história, a lenda e os cânticos de gesta. Desde então, aparecem crônicas semelhantes que descreviam a vida e os feitos de uma monarca. Depois de Alfonso X, podemos destacar a obra do cronista Pedro López de Ayala (1332-1407) que escreveu quatro crônicas acerca dos reinados de Pedro I, Enrique II, Juan I e Enrique III. Lopez de Ayala registra uma história que lhe é contemporânea, fruto de suas observações pessoais. Podemos destacar ainda o cronista Fernán Perez de Guzmán (1376-1460) que escreveu *Generaciones y Semblanzas* onde apresentou a biografia de mais de trinta pessoas ilustres que viveram durante os reinados de Enrique III e Juan II<sup>6</sup>. No contexto político da época, acreditava-se que um rei, para ser virtuoso, deveria inspirar-se nos bons exemplos de seus antecessores, que lhe indicariam o caminho correto a seguir; já os súditos, encontrariam na história uma forma de singularizarem-se ao conhecerem suas origens<sup>7</sup>.

Com o mesmo nome de um gênero que floresceu, sobretudo ao longo da Idade Média, as crônicas na América possuem características próprias que a diferem da crônica medieval, uma vez que a circunstância do descobrimento de um novo continente tornou possível outro tipo de escrita que visava fundamentalmente informar aos europeus acerca das novas terras conquistadas, de modo a ampliar o

---

5 KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. *Ideias*, Campinas, v. 2, n. 13, p. 11-23, 2006, p. 13.

6 CARRILO ESPEJO, Francisco. *Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista*. Lima: Editorial Horizonte, 1987.

7 BERMEJO CABRERO, Jose Luis. Orígenes del Oficio de Cronista Real. *Revista Hispania*, Madrid: CSIC, v. 40, n. 145, p. 395-414, ago/1980, p. 396.

mundo conhecido pela Europa. Denominadas genericamente de “Crônicas de Índias” - gênero inaugurado por Cristóvão Colombo em 1492 com seu Diário da primeira viagem - encontra-se um conjunto de textos variados que versam sobre a conquista, exploração e colonização do Novo Mundo. Dentre os diferentes tipos de documentação que se agrupam sob esse nome estão as informações de serviços, as cartas, diários e relações, para citar apenas alguns exemplos; seus autores se diferenciam por serem espanhóis, europeus de outras nacionalidades, mestiços e indígenas.

Essa documentação é suscetível de classificações mais concretas - como sugere Valcárcel Martínez<sup>8</sup> -, por distinções em seus traços formais e de conteúdo, como no caso das Relações e Cartas que integram o corpo documental de nosso artigo. Os cronistas, entre outras coisas, escreveram para diversos apreciadores, em momentos e por motivos distintos e, seus escritos, obviamente, refletem essas divergências, por isso, acreditamos que classificá-los em distintos grupos é complexo, pois as diferenças entre um e outro tipo de documentação são muito tênues. Sendo assim, preferimos seguir a Mercedes Serna<sup>9</sup>, para quem, todos os textos cujo conteúdo é o “descobrimento” e conquista da América podem ser chamados de Crônicas de Índias, sem acarretar grandes problemas de cunho conceitual. Sobre esse tema escreveram humanistas, conquistadores, aventureiros, marinheiros, náufragos que se salvaram, religiosos de diferentes ordens, enfim, todos aqueles que fizeram uso da pena para escrever sobre o vivido, o lido, o imaginado ou o ouvido. Os cronistas de Índias escreveram motivados por distintos interesses: políticos (nacionais, provincianos, coloniais, anti-coloniais) e pessoais (honra, fama, mercês da Coroa, ressentimento, nostalgia).

Em relação às crônicas peruanas, existem alguns estudos que buscaram classificá-las, avaliando-as por critérios distintos, como a origem do cronista, bem como sua profissão e etnia, aqueles que conheceram ou não o *Tawantinsuyu* e em que momento conheceram, o conteúdo de suas crônicas e também a postura que adotaram ao narrar a história dos Incas. Essas classificações não são desprovidas

---

8 VALCÁRCCEL MARTÍNEZ, Simón. **Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista**. Granada: Diputación Provincial, 1997, p. 19.

9 SERNA, Mercedes. **Crónicas de Índias**. Antología. Madrid: Cátedra, 2005.

de problemas, pois existem cronistas e crônicas que não se encaixam em nenhum modelo, assim, não é fácil fixar com exatidão uma categoria indiscutível para a maior parte delas. Além do mais, a preocupação em classificar as crônicas peruanas e oferecer dados biográficos dos cronistas se fez presente na historiografia acerca do tema desde meados do século XIX até meados do século XX, historiografia essa, devedora do positivismo e preocupada com a questão da autenticidade do documento. Além da busca por traçar classificações das crônicas, estas foram utilizadas por pesquisadores com diferentes intuítos, principalmente para a reconstituição da história da conquista do *Tawantinsuyu*<sup>10</sup>.

É curioso observar que a palavra crônica aparece somente no título de três relatos sobre as Índias, um deles referente ao Peru, do soldado Ciéza de León intitulada *Crónica del Perú*, os outros são de Cervantes de Salazar (*Crónica de la Nueva España*) e de Pedro Mariño de Lobera (*Crónica del reino de Chile*)<sup>11</sup>. Nenhum dos cronistas explica porque intitularam suas obras com esse vocábulo, acredita-se que seja pela comodidade e amplitude proporcionado pelo termo<sup>12</sup>, amplitude que permanece nos estudos relativos à documentação hispânica colonial até os dias atuais. Os pesquisadores utilizam-se desse termo para designar uma ampla gama de textos. Ao longo dessa análise, muitas vezes, também nos utilizaremos desse termo genérico para designar nosso corpo documental: as Relações e as Cartas.

As Relações, em sua concepção original, seriam informes de uma pessoa, que as endereçava a uma autoridade - geralmente o destinatário era o próprio Carlos V - na pretensão de notificá-la sobre os descobrimentos, a conquista e colonização, a geografia, o clima, etc. A base do que deveria ser essa Relação encontrava-se em um questionário elaborado e distribuído pelo Conselho das Índias,

10 Um dos primeiros estudos sobre a conquista do Peru baseado nos primeiros relatos escritos sobre o assunto é de PRESCOTT, William. **Historia de La conquista del Perú**. Lima: Peisa, 19??, v. 1 e v. 2. (A primeira edição é de 1848). Acerca de estudos que buscaram traçar classificações das crônicas e cronistas do Peru, destacamos: MARKHAN, Clements. **The incas of Peru**. London: Smith Elder & CO, 1910; RIVA-AGUERO, José de la. **La Historia en el Perú**. Lima: Imprenta Nacional de Federico Barrionuevo, 1910; MEANS, Philip Ainsworth. **Ancient Civilizations of the Andes**. New York: Charles Scribner'sons, 1931; BAUDIN, Louis. **El imperio socialista de los Incas**. Santiago: Zig-Zag, 1945; SANTISTEBAN OCHOA, 1946, op., cit.; PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Fuentes históricas peruanas**. Lima: UNMSM, 1963; **Las relaciones primitivas de la conquista del Perú**. Lima: UNMSM, 1967; **Los cronistas del Perú (1528-1650) y otros ensayos**. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1986.

11 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 22.

12 loc., cit.

de modo que se esperava que as respostas devessem ser imediatas e verídicas. Mas, na prática, as Relações seguiram seus próprios caminhos e fizeram uso delas qualquer conquistador que aspirava ocupar uma importante posição na nova sociedade americana<sup>13</sup>. Assim, as Relações abarcam uma grande variedade de textos que possuem como requisito maior o fato de terem sido escritas por homens que participaram dos fatos narrados ou que estiveram no local a que a narrativa se refere, para reforçar sua validade e garantir sua veracidade<sup>14</sup>. Sobre as Relações que estudamos, a maioria de seus autores escreve no mesmo momento em que ocorrem os fatos ou logo após, como é o caso de Cristóbal de Mena, Francisco de Xerez, Miguel de Estete e Pedro Sancho, outros, relatam suas memórias menos recentes, como Juan Ruiz de Arce, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro.

Esses homens não eram cronistas profissionais, mas nem por isso deixaram de ocasionalmente trocar a espada e a cruz pela pena, para nos relatar suas impressões sobre o Novo Mundo e os seus feitos, muitas vezes almejando conseguir privilégios da Coroa espanhola. Na verdade, os dois capitães da expedição que culminou na tomada de Cajamarca e na captura do Inca *Atahualpa* eram analfabetos, assim como a maioria dos homens que os acompanhavam, fato que não se constitui em peculiaridade, pois no século XVI a maior parte da sociedade europeia era analfabeta e as relações eram essencialmente de ordem oral<sup>15</sup>. Aqueles que alcançaram as letras, em sua maioria, também não possuíam uma bagagem cultural muito elevada, apenas sabiam ler e escrever. Além disso, seus textos refletem as condições pelas quais passavam, ou seja, a troca da espada pela pena se dava de modo circunstancial e por diferentes motivações, com exceção de Francisco de Xerez e Pedro Sancho que eram os escrivães oficiais da expedição. Cristóbal de Mena, por exemplo, escrevera sua Relação motivado em grande medida pela injustiça que acreditava ter sido cometida contra sua pessoa: a parte

---

13 CARRILLO ESPEJO, 1987, op., cit., p. 26.

14 SERNA, 2005, op., cit., p. 74.

15 Sobre alfabetização nesse período: VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI y XVII). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Escribir y leer en el siglo de Cervantes**. Madrid: Gedisa, 1999. Dos 168 espanhóis que estiveram com Pizarro em Cajamarca, acredita-se que 76 deles eram capazes de ler e escrever, 42 não eram e em 50 desses homens essa capacidade ainda é desconhecida. LOCKHART, James. **Los de Cajamarca**: un estudio social y biográfico de los primeros conquistadores del Perú. Lima: Editorial Milla Batres, 1986, v.1, p. 48.

não satisfatória que lhe coube do botim repartido em Cajamarca. Já Juan Ruiz de Arce quis transmitir a seus filhos e descendentes a memória dos serviços prestados por ele, bem como por seu pai e seu avô aos reis espanhóis. Finalmente, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro escrevem a pedido do vice-rei Francisco de Toledo depois de já decorridos quarenta anos. Sendo assim, entendemos que esses homens se limitavam a escrever suas Relações da melhor forma que podiam, sem se preocuparem muito com um tipo de escrita mais elaborada, até porque não possuíam muita preparação literária e intelectual para tal intento, daí serem acusados de possuírem um estilo “rude, exíguo, seco e realista, às vezes, brutal”<sup>16</sup>.

Já as Cartas eram importantes fontes de informação acerca da conquista do Novo Mundo, avivavam a curiosidade, o interesse e o entusiasmo dos habitantes do Velho Mundo. A maioria delas, escritas por conquistadores que as dirigiam a seus superiores, informavam sobre o processo de descobrimento e conquista dos novos territórios. No caso da conquista do *Tawantinsuyu*, podemos tomar como exemplo, a *Carta de Pedrarias Dávila al Emperador* datada de abril de 1525 que é o primeiro documento que se conservou relativo à expedição de Francisco Pizarro e Diego de Almagro. Nessa carta, enviada a Carlos V – já que todo súdito real estava obrigado a dar-lhe notícias de suas colônias -, Pedrarias Dávila, então governador do Panamá, faz menção à existência de terras ao sul do Panamá e de suas prováveis riquezas:

al levante por la mar del sur tengo enbiada / otra armada como le he escrito a Vuestra Magestad a descubrir con el capitan piçarro mi teniente del levante con muy buena gente y buenos aderezos do espero muy buenas novas cada / ora de que dios e Vuestra Majestad seran ( ) servidos y estos Reinos ennoblecidos porque ay nuevas de mucha Riqueza <sup>17</sup>

Mas nessa carta, o governador se ocupa principalmente da conquista da Nicarágua. A essa carta que oferece as primeiras notícias sobre a expedição conquistadora, segue-se a *Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo* datada de 23 de novembro de 1533, trata-se da primeira versão oficial da

---

16 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 24.

17 PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959, p. 3.

queda do *Tawantinsuyu* que temos. De regresso à Espanha para entregar ao Rei o quinto de resgate do Inca, Hernando Pizarro ao passar por Santo Domingo informou à Audiência dessa cidade sobre o ocorrido nas terras então conquistadas. Esta carta é clara e objetiva, já que a finalidade desse tipo de relato não era elaborar textos historiográficos complexos e sim informar com a maior precisão possível todos os movimentos da hoste conquistadora<sup>18</sup>. Assim, as cartas eram um meio de comunicação que servia para transmitir as notícias dos movimentos da expedição de conquista ao mesmo tempo em que ampliavam o conhecimento dos governantes sobre as novas terras e povos que as habitavam:

Las nuevas de la buena tierra descubierta no diré aquí en particularidad (sino) de hacer saber a vuestra señoría que es la más rica é abundosa é apacible para poblalla crisptianos que ha visto fasta hoy, é gente de mucha razón é cuenta, y viven todos por tratos y contrataciones, así en navíos por la mar como por tierra, y tratan por peso; tienen oro muy fino, todo cuanto tienen y plata y todos los metales que hay en España, sin tenerlos mezclados unos con otros, salvo cada metal por sí: el oro por oro y la plata por la plata y el cobre por el cobre; y ropas de diversas maneras, de lana y algodón<sup>19</sup>

O trecho citado acima foi extraído de uma carta que o próprio Francisco Pizarro enviou a Pedro de Los Ríos, sucessor de Pedrarias Dávila no governo do Panamá, datada de dois de junho de 1527. Nesse momento, Pizarro e seus homens encontravam-se em apuros na ilha do Galo a espera de socorro. Nessas cartas privadas predominaram fatores como a familiaridade entre os interlocutores, a liberdade temática e a espontaneidade. Sendo assim, somos levados a acreditar que nessas cartas é possível resgatar um pouco da intimidade do conquistador, de suas angústias, suas necessidades cotidianas e sua nostalgia do lar distante<sup>20</sup>, o que muitas vezes não é possível verificar através da leitura das primeiras Relações que versam sobre a conquista do *Tawantinsuyu*, que por sua vez também compartilham de algumas características semelhantes entre si.

Dentre essas características, está a preocupação em afirmar a veracidade do relato e o fato de terem sido testemunhas daquilo que escrevem muitas vezes é

18 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 405.

19 2 de junio de 1527 – Francisco Pizarro a Pedro de Los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 5.

20 PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., s/p.



suficiente para alguns desses cronistas comprovarem a veracidade dos mesmos. Cristóbal de Mena, por exemplo, cuja *Relação* foi a primeira a ser impressa em solo europeu, em 1534, se utiliza desse argumento e assim termina o seu relato: “E de tudo isto dou fé e declaração como testemunha ocular porque em todas essas coisas me encontrei presente”<sup>21</sup>. Pedro Pizarro ao relatar suas memórias, também se utiliza da mesma justificativa para dar credibilidade à sua história:

Muchos son, catolicísimo y clementísimo príncipe, los que han escrito las cosas destes vuestros reinos del Perú, ansí lo de la conquista dellos como de las cosas acontecidas después que se poblaron de vuestros vasallos; mas como los escritores no escriben lo que vieron sino lo que oyeron, no pueden dar clara noticia de lo que escriben, y ansí yo, el menor de vuestros vasallos, acordé sacar a luz lo que hasta agora ha estado oscuro y en tinieblas, como persona que se ha hallado en estas provincias desde el principio de la conquista hasta el fin, y después en todos los sucesos varios que ha habido<sup>22</sup>

Acreditamos que por ter escrito sua *Relação* quase quarenta anos depois da conquista, quando vários relatos já haviam sido escritos sobre o assunto, Pizarro reclama para si a confiabilidade na narrativa dos acontecimentos, embasado no fato de tê-los presenciado, ao contrário de outros escritores que só teriam escrito aquilo que ouviram. E ao final da crônica, o ancião volta a insistir na veracidade de seu texto:

Todo lo que aquí va escrito paso ansí i es verdad, sin añadir ni componer cosa alguna. He osado escribir esta historia porque los que me conocen saben ser yo amigo de verdad y que la trato siempre, y ansí va aquí todo lo escrito con toda verdad<sup>23</sup>.

Três meses depois de publicado o relato da conquista de Cristóbal de Mena na Espanha, foi impressa a *Relação* de Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição conquistadora sob o título *Verdadera Relación de la Conquista del Perú*. O termo *Verdadera* com o qual se inicia o título da crônica é indicativo da refutação de Xerez ao relato de Mena. Nesse caso, não é o fato de ser testemunha daquilo que escreve que faz com Xerez queira desmentir a crônica de Mena reivindicando

---

21 MENA, Cristóbal de. *La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla*. In: SALAS, Alberto. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987, p. 118.

22 PIZARRO, Pedro. *Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú*. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965, p. 167.

23 *Ibid*, p. 242.

para si a narrativa da verdade, já que ambos fizeram parte da expedição conquistadora. Acreditamos que Xerez assim o faz por ser o escrivão oficial da expedição, ou seja, seu relato é autorizado e assinado por Francisco Pizarro. Além do mais, Mena voltou para a Espanha ressentido pela parte que lhe coube do botim repartido em Cajamarca<sup>24</sup> e, talvez, Xerez, cujo relato enobrece a figura do capitão Pizarro e seus feitos, tenha tratado de cuidar para que a sua versão fosse a mais aceita. Já o irmão do capitão Pizarro, ao informar à Audiência de Santo Domingo sobre o acontecido, já se mostra preocupado com futuros relatos que poderiam vir a ser escritos e trata de garantir a veracidade do seu:

Yo llegué á este puerto de la Yguana de camino para regresar á España por mandado del gobernador Francisco Piçarro, á informar á Su Majestad de lo subçedido en aquella gobernación del Perú é la manera de la tierra y estado en que queda: é porque creo que los que á essa ciudad van, darán á vuestras mercedes variables nuevas, me ha parecido escribir en suma lo subçedido en la tierra, para que sean informados de la verdad.<sup>25</sup>

Nesse caso, pensamos que o capitão Hernando Pizarro poderia estar preocupado com o relato de Cristóbal de Mena. Mesmo que este somente tenha sido impresso no ano seguinte - mas apenas cinco meses depois de escrita essa carta -, acredita-se que Mena chegou à Sevilha um mês antes de Hernando<sup>26</sup> ressentido com este pelo que acontecera. Mena se uniu à expedição conquistadora de Francisco Pizarro em 1531 e foi um de seus capitães principais. Mas, em Cajamarca, passou a estar em “segundo plano” em relação aos outros capitães Hernando Pizarro e aos recém-chegados Hernando de Soto e Sebastián de Benalcázar, prova disso é que recebeu menos que eles na divisão do botim advindo do resgate de Atahualpa. Então, decidiu regressar à Espanha e relatar o acontecido. Por estes indícios, portanto, pode ser que o capitão Hernando Pizarro ao escrever que: “creio que os que a essa cidade vão, darão à vossas mercês variáveis novas”<sup>27</sup> preocupava-se justamente com o relato de seu companheiro que lhe rendia inimizades. Ao fim de sua carta, volta a insistir no assunto: “se outra coisa se disser,

24 “[...] Y a muchos de los que lo ganaron dio menos de lo que merecían, y esto dígo porque así se hizo conmigo [...]”. MENA, 1987, op., cit., p. 115.

25 PIZARRO, Hernando. Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 77.

26 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 85.

27 PIZARRO, 1959, op., cit., p. 77.

esta é a verdade”<sup>28</sup>.

Percebe-se, que a questão da afirmação da verdade era preocupação importante desses primeiros cronistas. Diego de Trujillo, ao relatar suas memórias, também termina seu relato buscando reiterar a veracidade daquilo que escreve ao afirmar que “o que aqui tenho escrito se passou em efeito de verdade, sem que em tudo isto haja palavra viciosa”<sup>29</sup>. Igualmente o faz Pero Sancho de Hoz no término de sua crônica, ao assegurar que esta fora escrita “conforme o que verdadeiramente se passou”<sup>30</sup>. Na realidade, a preocupação com a questão da veracidade é um ponto comum não só entre os cronistas conquistadores do *Tawantinsuyu*, mas entre a maioria dos cronistas de Índias, devedores da tradição humanista que colocava esse quesito em lugar de destaque<sup>31</sup>. Seguindo a linha de Tucídides e de Políbio, os testemunhos oculares adquiriram nova importância nesse período e o conceito de “verdade” se referia à “verdade do visto e do vivido”<sup>32</sup>. Mas, a “verdade”, aplicada às questões indianas era um processo contínuo de criação e elaboração que nesse momento dava seus primeiros passos. Sem se apoiar em nenhuma tradição historiográfica, a “verdade” dependia de cada um dos cronistas, sendo eles mesmos as suas próprias fontes legitimadoras<sup>33</sup>.

Acerca da influência do humanismo, podemos afirmar que entre esses cronistas não encontramos precisamente humanistas, mas indivíduos das camadas médias e baixas da empobrecida fidalguia castelhana – principalmente os primeiros conquistadores – cujo acesso à cultura era muito restrito e à humanista mais ainda. No entanto, acreditamos que os cronistas aceitavam as ideias humanistas que chegavam até eles (ouvindo falar), e as adotavam de acordo com o que lhes convinha, podendo expressar em seus textos esses modos de ser e estar do

---

28 Ibid, p. 84.

29 TRUJILLO, Diego de. Relación del descubrimiento del Reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA, María Concepción (Ed.). **Verdadera Relación de la conquista del Perú**. Madrid: Historia 16, 1985, p. 206.

30 SANCHO DE HOZ, Pero. Relación para S. M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla. In: AROCEMA, Luis. **La relación de Pero Sancho**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986, p. 144.

31 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 452-471.

32 De acordo com Mercedes Serna, outros seguem a Heródoto que inclui em seus textos tudo o que lhe relatam. SERNA, 2005, op., cit., p. 56.

33 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 452-453.

humanismo renascentista espanhol<sup>34</sup>, ou seja, algumas ideias humanistas que podemos encontrar nas crônicas se devem muito mais àquilo que esses homens vivenciavam do que propriamente ao conhecimento teórico que possuíam. O que ocorre, exemplarmente, na afirmação da verdade pelos cronistas nas suas obras, tendo em vista que esta foi uma preocupação presente na escola humanista.

Um desses cronistas, por exemplo, toma parte na querela dos modernos frente aos antigos. Para os humanistas, os antigos ofereceram modelos literários, (de como se deveria escrever) e vitais (de como se deveria viver) que precisavam ser imitados. No entanto, a busca pela imitação dos modelos advindos da Antiguidade reflete o afã desses homens em superar aos antigos e progredir em relação aos imediatamente anteriores, ou seja, os homens do medievo<sup>35</sup>. Assim, os cronistas desse período propagaram com orgulho os feitos de suas explorações e conquistas em que puderam revelar um Novo Mundo, até então desconhecido, inclusive para os antigos. Por isso argumentavam que eles, os modernos, eram superiores a estes, já que ignoraram a existência desse novo continente apesar de toda a sua sabedoria<sup>36</sup>. É interessante notar como Francisco de Xerez logo no início de sua crônica se expressa sobre o assunto:

¿cuándo se vieron en los antiguos ni modernos tan grandes empresas de tan poca gente contra tanta, y por tantos climas de cielo y golfos de mar y distancia de tierra ir a conquistar lo no visto ni sabido? Y ¿quién se igualará con los de España? No por cierto los Judíos, Griegos ni Romanos, de quien más que de todos se escribe. Porque, si los romanos tantas provincias sojuzgaron, fue con igual, o poco menor número de gente, y en tierras sabidas y proveídas de mantenimientos usados, y con capitanes y ejércitos pagados. Mas nuestros Españoles, siendo pocos en número, que nunca fueron juntos sino doscientos o trescientos, y algunas veces ciento y aun menos [...] Y los que en diversas veces han ido, no han sido pagados ni forzados, sino de su propia voluntad y a su costa han ido. Y así han conquistado en nuestros tiempos más tierra que la que antes se sabía que

---

34 Ibid., p. 81.

35 “La disputa entre antiguos y modernos, en España desarrollada en los siglos XV y XVI a través de literatura romance de todo tipo, lleva insita un fondo de polémica lingüística e ideológica. Lingüística porque la elección del latín o del castellano para desarrollarla ya es un toma de postura contundente a favor de los modernos. Ideológica porque la preferencia de los modernos sobre los antiguos va íntimamente unida a ‘la idea de progreso en el desarrollo inicial de una sociedad’. La idea del avance de los tiempos está en relación con la conciencia de las edades del mundo desarrollada por el cristianismo, y se manifiesta en el Renacimiento por la defensa y exaltación de la novedad – tema constante en casi todos los cronistas -, la cual implica de una actitud de imitación por emulación a la imitación por superación de los modelos greco-latinos”. Ibid., p.83-84.

36 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 78.

todos los príncipes fieles e infieles poseían; manteniéndose con los mantenimientos bestiales de aquellos que no tenían noticias de pan ni vino; sufriendose con yerbas y raíces y frutas, han conquistado lo que ya todo el mundo sabe <sup>37</sup>

Como percebemos, o cronista compara as façanhas militares dos espanhóis com as dos romanos para concluir que foram superiores a estes. Os homens desse período buscavam o reconhecimento de que os feitos realizados por eles representavam uma grande inovação, desvinculado de tudo o que os antecederam, levando-os a acreditar, pelo menos no que concerne a seu campo de atuação – nesse caso, a conquista de terras desconhecidas – superiores a todos, inclusive aos antigos, dos quais se argumenta que não alcançaram anteriormente determinado sucesso<sup>38</sup>. É importante ressaltar que Xerez não polemiza com os antigos acerca de aspectos culturais e sim sobre façanhas marítimas e militares, assim como o fizeram demais cronistas conquistadores<sup>39</sup> que se consideravam superiores aos antigos nesse ponto. Outro tema a ser observado nessa passagem é a ideia de pertencimento a uma nação<sup>40</sup> - fenômeno renascentista - exaltada pelo cronista e evidente, sobretudo, nos versos que dirige ao rei Carlos V, incorporados ao final de seu relato:

Por estas virtudes tales  
y por vuestra religión  
quiso Dios no sin razón  
daros tales naturales  
que ponen admiración:  
Tan sabia gente y tan buena  
tan de esfuerzo y virtud llena  
que cuando os sucede guerra  
os defienden vuestra tierra

37 XEREZ, Francisco de. **Verdadera relación de la conquista del Perú**. Edição de Maria Concepción Bravo Guerrero. Madrid: Historia 16, 1985, p. 59-60.

38 MARAVALL, José Antonio. **Antiguos y modernos**. Visión de la Historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 52.

39 VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 78-79.

40 “La comunidad política de cada individuo, que en la Edad Media se denomina comúnmente ‘tierra’, pasa en el Renacimiento a nombrarse ‘patria’ y, en un proceso de maduración más avanzado, ‘nación’ (neologismos que aparecen en el castellano en el siglo XV). Este cambio semántico implica modificaciones en la percepción y valoración de la comunidad política a la que se pertenece, en el sentido de que se avanza inexorablemente hacia la individualización de los Estados y su configuración como entes singularizados y distintos a los demás. Pues bien, los cronistas manifiestan en sus obras poseer una idea avanzada de la pertenencia a una nación y desarrollan a propósito de ella sus propias concepciones sobre los tópicos que sobre la patria se habían heredado de la Antigüedad (‘amor a la patria’, ‘morir por la patria’, ‘patria como valor absoluto’, etc.), mas determinadas esas concepciones por la experiencia de las Indias [...]”. Ibid., p. 107.

y os sojuzgan el ajena.  
¿Queréis ver qué tales son  
solos vuestros Castellanos?  
digan Franceses, Romanos,  
Moros, y cualquier nación  
quáles quedan de sus manos:  
Ningún señor tiene gente  
tan robusta y tan valiente  
christiano, gentil, ni moro  
y este es el cierto thesoro  
para ser el Rey potente.  
Aventurando sus vidas  
han hecho lo no pensado  
hallar lo nunca hallado  
ganar tierras no sabidas  
enriquecer vuestro estado<sup>41</sup>

Nesses versos percebemos que para Xerez o rei é privilegiado por ter vassallos cheios de virtude e exalta as qualidades dos espanhóis: pessoas sábias, boas, esforçadas, guerreiras, robustas e valentes, em detrimento de povos de outras nações. Esse cronista, portanto, não estava alheio às questões próprias dos humanistas de seu tempo, mas o mesmo não podemos afirmar sobre os demais conquistadores que estudamos, pois em seus escritos se ausentam desses debates.

No entanto, esses relatos partilham de algumas características semelhantes no tocante a aspectos formais, de estilo de escrita. Além da constante preocupação com a afirmação da verdade, podemos ainda destacar o temor que possuíam esses cronistas em serem prolixos em seus relatos, o que explica a brevidade dos mesmos. Assim, o primeiro escrivão oficial da expedição, para evitar prolixidade, seleciona os fatos da sua narrativa entre aqueles que a seu ver eram mais dignos de menção e no início de seu texto faz o seguinte alerta ao leitor: “deixo de dizer muitas coisas que sucederam, para evitar prolixidade; somente direi as coisas notáveis que mais vêm ao caso”<sup>42</sup>. Diego de Trujillo aponta a mesma preocupação, porém, não no início do texto, mas no seu término: “muitas outras coisas poderia dizer que não digo para não ser prolixo”<sup>43</sup>.

Acerca dos povos que encontraram pelo caminho e de seus costumes, a preocupação com a prolixidade também pode ser verificada. Miguel de Estete, no

---

41 XEREZ, 1985, op., cit., p. 162.

42 Ibid., p.62.

43 TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 206.

período em que a expedição se dirigia à Cajamarca, opta por assim sintetizar sua narrativa: “passando por muitos povoados grandes e importantes, de muitas florestas e arvoredos, onde se viram inumeráveis povos e templos do sol e outras coisas que por evitar prolixidade não se dizem”<sup>44</sup>. Novamente, o mesmo cronista ao anotar os detalhes da viagem que empreendeu na armada de Hernando de Pizarro para saquear o ouro do templo de *Pachacamac*<sup>45</sup>, incluídas por Francisco de Xerez em sua Relação nos diz que: “muitas coisas se poderia dizer das idolatrias que fazem a este ídolo, mas por evitar prolixidade não as digo”<sup>46</sup>. E igualmente, nos diz sobre o período que se sucedeu à morte do soberano *Atahualpa* que “as coisas que passaram nesses dias e os extremos e prantos do povo, são muito longos e prolixos e por isso não se dirão aqui”<sup>47</sup>.

Claro está que esses primeiros cronistas do *Tawantinsuyu* temiam como grande mal a prolixidade. Somente deixaram de demonstrar claramente este tema, Cristobal de Mena e Juan Ruiz de Arce, mas seus relatos não deixam de compartilhar da mesma brevidade dos demais. Pedro Pizarro e Pedro Sancho, também não se eximem dessa preocupação, aliás, o primeiro é quem mais reitera afirmações do gênero<sup>48</sup>. Assim, infelizmente é provável que esses cronistas deixassem de relatar muitas notícias em razão dessa aversão. Mas é curioso observar e não podemos deixar de mencionar que cronistas posteriores, mesmo os mais extensos, demonstraram a mesma inquietação, como Garcilaso de la Vega, Cieza de León e Gutiérrez de Santa Clara<sup>49</sup>. Isso nos fez pensar se a oposição em ser “prolixo”, que equivalia a “enfadonho”, “fatigante”<sup>50</sup> não estaria ligada mais à

---

44 ESTETE, Miguel. El descubrimiento y conquista del Perú. In: SALAS, 1987, op., cit., p. 289.

45 “La divinidad Pachacamac, de origen preincaico, gozaba de gran prestigio en toda la región de la costa. Identificaba a una pareja de divinidades y el nombre de Pachacamac le fue imposto por los incas cuando conquistaron esta región, para integrar su culto con el estatal del Sol. Pero siguió conservando su carácter dual. Celeste y solar, actuaba como fuerza protectora, pero también era subterránea, asociada a la noche, y podía provocar la destrucción y los terremotos”. BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 137.

46 XEREZ, 1985, op., cit., p. 137.

47 ESTETE, 1987, op., cit., p. 307.

48 “[...] tenían otras muchas maldades, que por ser muchas no las digo”; “[...] y otros que por no ser prolijo no pongo [...]”; “[...] que aquí no diré por no ser prolijo”. PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 197, 218 e 222, respectivamente. E Sancho de Hoz: “[...] por huir de la prolijidad no se ponen aquí por escrito [...]”. SANCHO DE HOZ, 1986, op., cit., p. 116.

49 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 24.

50 Idem.

opção do cronista em deixar de relatar coisas que para ele não eram importantes e tornariam o texto tedioso do que propriamente à extensão do mesmo. Como exposto anteriormente, Francisco de Xerez foi muito explícito nesse sentido ao escrever que “somente direi as coisas notáveis que mais vêm ao caso”<sup>51</sup>.

Mas, o problema da prolixidade e a conseqüente brevidade desses relatos nos remetem também a outras reflexões. Há de se ter em conta, por exemplo, que muitos desses relatos foram escritos quase que concomitantemente aos fatos narrados<sup>52</sup>; alguns são verdadeiros diários, como fez Miguel de Estete ao anotar dia a dia os detalhes da expedição que se dirigiu ao templo de *Pachacamac*. Em algumas crônicas, como a de Xerez, para citar apenas um exemplo, é possível perceber que algumas frases estão escritas no tempo verbal presente, o que pode ser indicativo de que Xerez tenha escrito sua Relação no mesmo momento em que se passavam os acontecimentos que narrava e somente depois pode ter incorporado outras informações ao publicá-la em Sevilha no ano de 1534. Diante do que foi dito, pensamos que esse “imediatismo” dos relatos impossibilitou que esses homens abarcassem o processo em toda sua projeção e importância, não se demorando muito em suas descrições, nem esboçando grandes opiniões ou comentários<sup>53</sup>. Considerações mais elaboradas sobre todo o processo de conquista do *Tawantinsuyu* podem ser encontradas em cronistas posteriores, em que a ação histórica já transcorrida torna mais madura a reflexão<sup>54</sup>. Outro ponto importante a ser ressaltado acerca dessa problemática diz respeito à falta de experiência desses homens na redação de textos mais elaborados, lembrando mais uma vez que não se tratavam de cronistas profissionais. A familiaridade desses “soldados cronistas” com a comunicação escrita muitas vezes estava restrita à correspondência privada e demais textos de uso cotidiano<sup>55</sup>.

51 XEREZ, 1985, op., cit., p. 62.

52 Lembremos que Juan Ruiz de Arce, Pedro Pizarro e Diego de Trujillo relatam suas memórias depois de já transcorridos alguns anos, são, portanto, exceção a essa regra.

53 Vale lembrar acerca desse assunto a forma abrupta com que esses homens terminam seus textos, algo que “[...] es típico de soldados cronistas que no saben cómo presentar el fin de su relato. Muchas veces no parecen ser conscientes de la necesidad de hacer un resumen final o de realizar algún comentario conclusivo [...]”. STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce (1543)**. Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002, p. 35.

54 SALAS, 1987, op., cit., p. 10-11.

55 STOLL, 2002, op., cit., p. 22.



Ainda, podemos listar como características comuns desses relatos a ausência de nomes próprios, tanto de espanhóis, como de indígenas. Xerez, cuja narrativa talvez seja a mais impessoal de todas, jamais usa a primeira pessoa do singular e é quem menos nomeia seus companheiros de conquista, apenas o capitão Hernando Pizarro e os três sócios que organizaram a expedição: Francisco Pizarro, Diego de Almagro e Hernando de Luque são designados pelo nome. Já a ausência de nomes indígenas pode ser explicada pela dificuldade lingüística na pronúncia do *quéchua*, assim, se limitam a referenciá-los na maioria das vezes como sendo “um cacique” ou “um mensageiro”. Dificuldade que está evidente no entendimento dos nomes dos soberanos Incas, *Atahualpa* é frequentemente nomeado por “*Atabalipa*” ou “*Atabalica*”; *Huayna Cápac* e *Huáscar* são chamados respectivamente de “*Cuzco Viejo*” e “*Cuzco Joven*”. Destacamos também a falta de descrições mais pormenorizadas da natureza, as referências a ela são rápidas e sumárias e a falta de preocupação com a cronologia no tocante às datas em que ocorrem os fatos, o que não quer dizer que esses relatos não sigam uma linearidade temporal.

Inseridos em um corpo documental mais amplo - Crônicas de Índias - percebemos que os relatos dos primeiros conquistadores compartilham de algumas características semelhantes: a maioria foi escrita por homens cujo nível de instrução era restrito, com exceção de Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição conquistadora que, inclusive, apresenta em seu texto questões próprias aos humanistas de seu tempo. O cuidado em afirmar a veracidade do texto se fazia muito presente - outro ponto comum aos humanistas - e, devido à preocupação com a prolixidade, a maioria dos relatos é breve, os cronistas raramente fazem comentários ou reflexões próprias, além da ausência de nomes próprios e nomes geográficos. Acreditamos que essas características são indicativas da existência de certo padrão de escrita entre esses primeiros conquistadores cronistas.

***Apêndice documental – apresentação cronológica das fontes sobre a conquista do tawantinsuyu***

O primeiro documento que se conservou<sup>56</sup> relativo à expedição de Francisco Pizarro e Diego de Almagro é a carta de Pedrarias Dávila, governador do Panamá, que fora dirigida ao rei em abril de 1525<sup>57</sup>. Nela, aparece o primeiro indício da existência de terras ao sul do Panamá e de suas prováveis riquezas, mas nessa carta, o governador se ocupa principalmente da conquista da Nicarágua.

Em 1527, na segunda viagem que empreendeu Pizarro na tentativa de chegar ao *Tawantinsuyu*, ele e seus homens ficaram presos na denominada Isla del Gallo onde esperavam por socorro. Nessa ilha, os homens que se aventuraram com o capitão em busca de terras desconhecidas também escreveram cartas aos funcionários reais e aos parentes num momento em que se encontravam, ao que tudo indica, desesperados<sup>58</sup>.

Afora essas cartas, existe uma Relação que ficou conhecida como *Relación Sámano-Xerez* depois que Porrás Barrenechea, seguindo ao erudito espanhol Jiménez Placer, atribuiu a autoria da Relação a Francisco de Xerez e a publicou pela primeira vez em 1937 em *Las relaciones primitivas de la conquista del Perú* com esse nome. Esses autores acreditam que Juan de Sámano, secretário do rei que nunca havia posto os pés nas Índias, a teria assinado apenas para dar-lhe um caráter oficial e quem a teria escrito era Xerez, que se tornaria, logo depois, o escrivão oficial de Pizarro, com base nas notícias dadas pelo piloto Bartolomé Ruiz, por Pedro Corzo e Juan Cabezas. A atribuição da autoria da Relação a Francisco de Xerez é refutada por alguns autores como Maria Concepción Bravo Guerrero<sup>59</sup> que em duas ocasiões se vale de uma forte argumentação para demonstrar que o autor desse relato não pode ser Xerez, assim também o faz, Raúl Marrero Fente<sup>60</sup>. Esses

---

56 Sabe-se da existência de Cartas e Relações que se perderam. Um exame minucioso dessa documentação perdida encontra-se em: PORRAS BARRENECHEA, 1967 e 1986, op., cit.

57 Carta publicada por PORRAS BARRENECHEA, 1967, op., cit., p. 59-62 e em 1959, p. 1.

58 Essas cartas foram publicadas por: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., é fruto do trabalho de investigação do pesquisador realizado entre 1934 e 1950 em arquivos e bibliotecas da Espanha, bem como nas cidades de Paris, Londres e Viena.

59 BRAVO GUERRERA, Maria Concepción. ¿Fue Francisco de Xerez el autor de la Relación-Sámano? Anotaciones al viaje de descubrimiento del Perú. **Anuario de Estudios Americanos**, Sevilla, n. 33, p. 33-55, 1976 e na edição que preparou da crônica de Francisco de XEREZ, 1985, p. 169-174.

60 MARRERO FENTE, Raúl. Teoría y práctica de los modelos historiográficos en la relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro. In: REGALADO HURTADO, Liliana; SOMEDA HIDEFUJI. **Construyendo historias**. Aportes para la historia hispano-americana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

autores, embasados em grande medida pelo conteúdo (minuciosa descrição de uma balsa) e estilo de escrita (muito diferente do texto de Xerez) da Relação, acreditam que seu autor só pode ser um marinheiro ou o próprio piloto da expedição Bartolomé Ruiz<sup>61</sup>. Seja como for, esse texto, muito breve, é o único relato direto e imediato das duas viagens preliminares de Pizarro em busca do Peru entre 1525 e 1527. Nele, é descrito as jornadas de Pizarro pelas costas de Nova Granada e Quito – a costa dos Manguezais, o rio San Juan, a baía de San Mateo – e o encontro do barco de vela incaico pelo piloto Ruiz.

A maioria dos homens que participaram da conquista e relataram esse momento, escrevem paralelamente ao feito ou imediatamente depois, entre 1532 e 1535. Entre os homens que estiveram ao lado de Francisco Pizarro na conquista do *Tawantinsuyu* e que registraram suas impressões, encontram-se Hernando Pizarro, Cristobal de Mena, Francisco de Xerez, Pedro Sancho de Hoz, Miguel de Estete, Juan Ruiz de Arce, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro, os três últimos escreveram entre 1540 e 1571, relataram suas memórias menos recentes.

Em 1529, Francisco Pizarro regressou à Espanha para solicitar Licença para a conquista do Peru e conseguir homens decididos a acompanhá-lo. Nessa ocasião, em Trujillo, Pizarro conheceu a seus irmãos Hernando, Juan e Gonzalo Pizarro. Todos os Pizarro, inclusive um primo dos irmãos Pizarro, chamado Pedro, de mesmo sobrenome partiram para a conquista. Hernando Pizarro era o único filho legítimo do capitão Gonzalo Pizarro com sua esposa Isabel de Vargas. Na expedição conquistadora, depois de seu irmão, ocupava o primeiro posto de capitão. Em junho de 1533 regressou à Espanha para entregar ao Rei “o quinto” de resgate do Inca. Ao passar por Santo Domingo, informou à Audiência dessa cidade sobre o ocorrido nas terras então conquistadas e essa é a primeira versão oficial da queda do *Tawantinsuyu* que temos. A *Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo*<sup>62</sup> de 23 de novembro de 1533 é clara e objetiva e, naturalmente, trata de engrandecer a figura de seu irmão. O original da carta não se conhece, acredita-se que foi copiada pelo cronista Gonzalo Fernández de Oviedo em sua *Historia*

---

61 Lembremos que a noção de “autoria” não existe para época. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

62 PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 77-84.

*General y Natural de las Índias* e editada pela primeira vez em 1855. Depois disso, obteve sucessivas edições. No Peru foi publicada na *Colección Urteaga-Romero*, em 1921 e em 1938; por Raúl Porras Barrenechea em 1959 e pela *Biblioteca Peruana* em 1968. A editora *Espasa Calpe* na Argentina a incluiu em *Três Testigos de la conquista del Perú* de Miguel Muñoz de San Pedro, para citar apenas algumas edições<sup>63</sup>.

De regresso à Espanha, juntamente com 24 conquistadores, pouco depois da morte de Atahualpa estava Cristobal de Mena, autor da Relação intitulada *La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla*<sup>64</sup>, publicada em Sevilha em 1534 em forma anônima, a primeira impressa em solo espanhol sobre os sucessos da conquista do *Tawantinsuyu*. Até 1935, quando Porras Barrenechea apresentou uma monografia ao Congresso de Americanistas de Sevilha sugerindo que Mena era o autor dessa Relação, esta era conhecida como sendo do *anónimo sevillano de 1534*. O relato de Mena é espontâneo, pois não se trata de uma versão oficial dos fatos, já que ele não era encarregado dessa tarefa. É um relato de um homem ressentido, magoado pela parte que lhe coube do botim repartido em Cajamarca. Essa Relação gozou de grande aceitação não só na Espanha, mas também em outros países da Europa. No século XVI sabemos da existência de cinco edições do texto, sendo duas delas em francês e uma em italiano, incorporada à conhecida Coleção de Viagens de Gianbattista Ramusio em 1556 com o título *Relatione de un capitano spagnuolo*. No século XVII foi traduzida ao inglês e no século XX contamos com várias edições<sup>65</sup>.

Três meses depois da publicação da Relação de Cristobal de Mena foi impressa a *Verdadera Relación de la Conquista del Perú* de Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição conquistadora. No relato de Xerez é possível encontrar muitos detalhes acerca da expedição, na verdade, é a mais completa de todas elas. Sua narrativa da conquista também obteve muita aceitação por ser a Relação oficial dos fatos, ou seja, a palavra de Pizarro. O relato de Xerez é totalmente impessoal, ele jamais usa a primeira pessoa do singular, não se impõe no relato, não dá sua

63 Referência a outras edições encontra-se em: PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 81-82.

64 SALAS, 1987, op., cit.

65 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 88-89.

opinião, não julga, nem acusa, apenas descreve. Entre as Relações da conquista do *Tawantinsuyu*, essa foi a mais editada até os dias de hoje. Além da versão publicada em Sevilha, existem outras cinco edições no século XVI e foi incorporada à crônica de Fernández de Oviedo em 1547 e à edição do italiano Ramusio em 1556. No século XVII foi editada uma vez em inglês (1625) e no século seguinte também uma vez, mas em língua espanhola (1749). O século XIX conta com seis edições, sendo duas em espanhol (1853 e 1891), uma em francês (1837), uma em italiano (1842), uma em alemão (1842) e uma em inglês (1872). Já no século XX foram oito edições do texto<sup>66</sup>.

Na ausência de Xerez - já que este, no dia da prisão do Inca Atahualpa, quebrou uma perna ficando impossibilitado por vários meses -, o escrivão oficial que continuou a Relação do sevilhano depois que este regressou à Espanha foi Pedro Sancho de Hoz. Assim, por ordem de Pizarro, escreveu a *Relación para S.M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla*<sup>67</sup>, enviada ao rei em julho de 1534. A Relação de Sancho, por ser a continuação da versão de Xerez abarca desde a saída de Hernando Pizarro de Cajamarca até a tomada de Cuzco e o regresso de Pizarro a Jauja. Junto com a de Xerez, a Relação de Sancho é a versão oficial da conquista autorizada e assinada por Francisco Pizarro. Mas, ao contrário do primeiro escrivão, Sancho é mais pessoal no seu relato. O original do texto se perdeu e todas as edições publicadas são traduções da versão italiana de Ramusio. Ela não foi editada muitas vezes e só foi publicada em espanhol no século XIX, em 1849 e em 1898. No século XX possui apenas cinco edições<sup>68</sup>.

Outro importante personagem participante da hoste de Pizarro era Miguel de Estete, um fidalgo. Ele acompanhou Pizarro desde a sua primeira exploração das terras incaicas, de Piura a Cajamarca. Esteve na escolta de Hernando de Soto que visitou a tenda que o Inca tinha nos arredores dessa cidade e acompanhou a Hernando Pizarro na expedição que chegou a *Pachacamac*. Anotou as suas impressões sobre essa viagem, incluídas por Xerez na *Verdadera Relación de la*

66 BRAVO GUERRERA (Ed.) 1985, op., cit., p. 47-50; ESTEVE BARBA, 1964, op., cit., p. 398; PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 99-102.

67 AROCEMA, 1986, op., cit.

68 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p.110-111.

*conquista del Perú*. Essas anotações constituem uma espécie de diário, Estete anota dia a dia os detalhes da viagem levada a cabo para recolher as riquezas do templo de *Pachacamac*. Acredita-se que logo voltou à Espanha, em 1535, e em Sevilha conheceu ao cronista Oviedo, a quem informaria sobre a conquista das terras incaicas. Na mesma cidade, teria escrito *El descubrimiento y la conquista del Perú*<sup>69</sup>, seu segundo relato, que lhe foi atribuído presumidamente por Carlos M. Larrea em 1918. Essa segunda narrativa abarca desde a primeira viagem de Pizarro até a estadia desse em Jauja, época em que Estete regressou à Espanha. Estete é o mais explícito dos cronistas em relação aos costumes indígenas, as riquezas e a geografia do *Tawantinsuyu*. Nas palavras de Barrenechea, “é o primeiro cronista etnógrafo”<sup>70</sup> do Peru. As edições da sua crônica concentram-se todas no século XX<sup>71</sup>.

Juan Ruiz de Arce é outro fidalgo envolvido na conquista do *Tawantinsuyu*. Reuniu-se à expedição de Pizarro, quando esta se encontrava em Coaque, participou dos episódios da conquista até a prisão do Inca em Cajamarca. Com os tesouros do resgate e com a repartição da pilhagem de Cuzco, ele e outros conquistadores pediram permissão para regressarem a Espanha. Concedida a permissão – a segunda dada por Pizarro depois da captura do Inca – retornou à metrópole para desfrutar de sua fortuna. Decidiu escrever suas memórias de conquistador do Peru, sob o título: *Advertencia que hizo el fundador de el vinculo y mayorazgo a los supsesores en el*<sup>72</sup>, dedicada a seus filhos. Trata-se, portanto, de um documento privado, não fora escrito para o público, mas para transmitir a seus filhos e descendentes informações acerca dos serviços prestados à coroa de Espanha por seu avô, seu pai e por ele próprio. Ademais, seu relato é breve, um fragmento de suas memórias, uma Relação retrospectiva de alguém que havia presenciado um dos grandes acontecimentos da época. Ruiz de Arce é objetivo, quase não expõe opiniões, e também sintético, como o eram a maioria dos outros relatos de seus contemporâneos conquistadores. O manuscrito ficou em poder de seus descendentes e só foi publicado pela primeira vez em 1933. Não se sabe a

69 SALAS, 1987, op., cit.

70 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 118.

71 Ibid., p.119.

72 STOLL, 2002, op., cit.

data exata em que Ruiz de Arce teria escrito suas recordações, somente que foi depois de 1540. Seu relato possui poucas edições<sup>73</sup> e é um dos menos estudados até o momento.

Diego de Trujillo é mais um conquistador que escreveu suas memórias menos recentes. Em Cuzco, já em idade avançada, gostava de relatar aos amigos e às crianças sobre os tempos de heroísmo de sua juventude em que participara da hoste conquistadora de Pizarro. O vice-rei Francisco de Toledo, em uma visita a Cuzco, sabendo dos relatos orais do ancião, ordenou que os escrevesse<sup>74</sup>. A Relação foi escrita por algum amigo seu ou um funcionário de Toledo, porque Trujillo era iletrado. O relato intitulado *Relación del descubrimiento del Reino del Perú*<sup>75</sup>, data de abril de 1571, escrito num estilo simples e breve, narra a viagem de Pizarro desde Panamá até a entrada em Cuzco. Depois de terminado o texto, o vice-rei Toledo o paga com uma *encomienda*, o que retira Trujillo da relativa pobreza em que vivia no momento. Barrenechea foi quem primeiro apresentou esse relato juntamente com um estudo biográfico do ancião, em 1935, no XXVI Congresso de Americanistas de Sevilha. Mas, somente a publicou pela primeira vez em 1948<sup>76</sup>, depois disso, foi publicada mais quatro vezes.

No mesmo ano em que Trujillo acabara de escrever suas memórias em Cuzco, outro conquistador também o fazia em Arequipa, era Pedro Pizarro, primo de Francisco Pizarro. Transmite-nos as suas impressões sobre a conquista somente quarenta anos mais tarde, também a pedido do vice-rei Toledo. Do mesmo modo que Trujillo, o primo de Pizarro era iletrado e por isso não redigiu sua *Relación del descubrimiento y conquista del Perú*<sup>77</sup> terminada em fevereiro de 1571. O relato de Pizarro é um dos mais interessantes, pois apesar de ser um texto de escrita rude, simples, o cronista recolheu muitas notícias sobre os costumes incaicos, intercaladas à sua narrativa e esboça breves e sumários retratos psicológicos de

---

73 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 130.

74 O vice-rei Francisco de Toledo promoveu desde 1565, a redação de crônicas que justificassem o colonialismo e combatessem o direito de soberania da nobreza incaica. SERNA, 2005, op., cit., p. 55.

75 TRUJILLO, Diego. *Relación del descubrimiento del reino del Perú*. In: BRAVO GUERRERA (Ed.), 1985, op., cit.

76 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 148.

77 PIZARRO, 1963-1965, op., cit.

seus companheiros de conquista. Essa Relação foi publicada pela primeira vez somente em 1844 e daí em diante obteve sucessivas edições<sup>78</sup>.

### **Referências bibliográficas**

#### **Fontes**

- ESTETE, Miguel. El descubrimiento y conquista del Perú. In: SALAS, Alberto M. Crónicas iniciales de la conquista del Perú. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987. [15--]
- MENA, Cristóbal de. La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla. In: SALAS, Alberto M. Crónicas iniciales de la conquista del Perú. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987. [1534]
- PIZARRO, Hernando. Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo. In: PORRAS BARRENECHEA, Raúl. Cartas del Perú (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de Bibliófilos Peruanos, 1959. [1533]
- PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. Crónicas del Perú. Madrid: Atlas, 1963-1965. [1571]
- PORRAS BARRENECHEA, Raúl. Cartas del Perú (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959.
- RELACIÓN-Sámano. In: Maria Concepción Bravo Guerrero (Ed.). Verdadera Relación de la conquista del Perú. Madrid: Historia 16, 1985. [15--]
- RUIZ DE ARCE, Juan. Advertencia que hizo el fundador de el vinculo y mayorazgo a los supsesores en el. In: STOLL, Eva. La memoria de Juan Ruiz de Arce (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002.
- SANCHO DE HOZ, Pero. Relación para S. M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla. In: AROCEMA, Luis. La relación de Pero Sancho. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986. [1534]
- TRUJILLO, Diego de. Relación del descubrimiento del Reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA, Maria Concepción (Ed.). Verdadera Relación de la conquista del Perú. Madrid: Historia 16, 1985. [1571]
- XEREZ, Francisco. Verdadera relación de la conquista del Perú. Edição de Maria Concepción Bravo Guerrero. Madrid: Historia 16, 1985. [1534]

#### **Estudos**

- AROCEMA, Luis. La relación de Pero Sancho. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986.
- BAUDIN, Louis. El imperio socialista de los Incas. Santiago: Zig-Zag, 1945.
- BERMEJO CABRERO, Jose Luis. Orígenes del Oficio de Cronista Real. Revista Hispania, Madrid: CSIC, v. 40, n. 145, p. 395-414, ago/1980.
- GUERRERA, Maria Concepción (Ed.). Verdadera Relación de la conquista del Perú.

78 PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 139-140.



Madrid: Historia 16, 1985.

\_\_\_\_\_. ¿Fue Francisco de Xerez el autor de la Relación-Sámano? Anotaciones al viaje de descubrimiento del Perú. Anuario de Estudios Americanos, Sevilla, n. 33, p. 33-55, 1976.

CARRILO ESPEJO, Francisco. Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista. Lima: Editorial Horizonte, 1987.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Lisboa: Vega, 1992.

GONZALEZ HOLGUIN, Diego. Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada quichua o del Inca. Lima: UNMSM, 1989.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. Ideias, Campinas, v. 2, n. 13, p. 11-23, 2006.

LOCKHART, James. Los de Cajamarca: un estudio social y biográfico de los primeros conquistadores del Perú. Lima: Editorial Milla Batres, 1986, v.1.

MARAVALL, José Antonio. Antiguos y modernos. Visión de la Historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

MARKHAN, Clements. The incas of Peru. London: Smith Elder & CO, 1910.

MARRERO FENTE, Raúl. Teoría y práctica de los modelos historiográficos en la relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro. In: REGALADO HURTADO, Liliana; SOMEDA HIDEFUJI. Construyendo historias. Aportes para la historia hispano-americana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

MEANS, Philip Ainsworth. Ancient Civilizations of the Andes. New York: Charles Scribner'sons, 1931.

PORRAS BARRENECHEA, Raúl. Fuentes históricas peruanas. Lima: UNMSM, 1963.

\_\_\_\_\_. Las relaciones primitivas de La conquista del Perú. Lima: UNMSM, 1967.

\_\_\_\_\_. Los cronistas del Perú (1528-1650) y otros ensayos. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1986.

PRESCOTT, William. Historia de La conquista del Perú. Lima: Peisa, 19??, v. 1 e v. 2.

REIS, Anderson Roberti; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. Ideias, Campinas, v. 2, n. 13, p. 25-41, 2006.

RIVA-AGUERO, José de la. La Historia en el Perú. Lima: Imprenta Nacional de Federico Barrionuevo, 1910.

SALAS, Alberto M. Crónicas iniciales de la conquista del Perú. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987.

SANTISTEBAN OCHOA, Julián. Los cronistas del Perú: contribución al estudio de las fuentes de la historia peruana. Cuzco: Librería e Imprenta D. Miranda, 1946.

SERNA, Mercedes. Crónicas de Índias. Antología. Madrid: Cátedra, 2005.

STOLL, Eva. La memoria de Juan Ruiz de Arce (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002.

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista. Granada: Diputación Provincial, 1997.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI y XVII). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Madrid: Gedisa, 1999.